

EM FOCO

# EXPRESSÃO CORPORAL: EDUCAÇÃO SOMÁTICA E POLÍTICA

*EXPRESIÓN CORPORAL: EDUCACIÓN  
SOMÁTICA Y POLÍTICA*

**MÁRCIA BALTAZAR**

BALTAZAR, Márcia.  
Expressão corporal: educação somática e política.  
Repertório, Salvador, ano 22, n. 32, p. **183-198**, 2019.1  
DOI: <https://doi.org/10.9771/rv1i32.26583>

## RESUMO

Refletimos sobre o trabalho desenvolvido sobre consciência corporal e expressão do corpo na disciplina intitulada Expressão Corporal, do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e sua relação com a ideia de política. Partimos de um texto de Suely Rolnik que aborda a ecologia da subjetividade para a necessária ressignificação do conceito de democracia. Apresentamos os conceitos de consciência e imagem do corpo em Bergson. Apresentamos a Educação Somática e a Técnica Klauss Vianna como prática de consciência e expressão corporal e transcrevemos alguns textos dos alunos de Expressão Corporal que fazem transparecer modificações culturais em seus conceitos de corpo e possibilidades de caminhos de micro transformações políticas através da Técnica Klauss Vianna.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Expressão corporal, Corpo. Consciência. Educação somática. Política.

## ABSTRACT

*This paper focuses on the work on body awareness, body expression and politics developed during the course Corporal Expression offered to undergraduate students of Drama at Federal University of Sergipe, Brazil. We begin with a study by Suely Rolnik about subjectivity and the need for a re-signification of the concept of democracy. Then, we review the concepts of awareness and body image by Bergson. Next, we discuss somatic education and the so-called Klauss Vianna technique as a practice of body awareness and expression. Finally, we transcribe some testimonials of students who have attended the course; through these statements one can observe cultural changes in their concepts of body as well as the envisioning of paths to micro-transformations, brought about by the use of the Klauss Vianna Technique.*

### **KEYWORDS:**

*Body expression. Body awareness. Somatic education. Politics.*

## RESUMEN

*Reflexionamos sobre el trabajo desarrollado sobre la consciencia corporal y expresión del cuerpo en la disciplina titulada Expresión Corporal, de la carrera de Licenciatura en Teatro en la Universidad Federal de Sergipe (UFS), y su relación con la idea de política. Partimos de un texto de Suely Rolnik que aborda la ecología de la subjetividad para la necesaria resignificación de la democracia. Presentamos los conceptos de consciencia e imagen del cuerpo en Bergson. Presentamos la Educación Somática y la Técnica Klauss Vianna como práctica de consciencia y expresión corporal y transcribimos algunos textos de los alumnos de Expresión Corporal que hacen transparecer modificaciones culturales en sus conceptos del cuerpo y posibilidades de caminos de micro transformaciones políticas mediante la Técnica Klauss Vianna.*

### **PALABRAS CLAVE:**

*Expresión corporal. Cuerpo. Consciencia. Educación somática. Política.*



## INTRODUÇÃO

**DESDE 2015**, ministro, entre outros conteúdos curriculares, a disciplina intitulada Expressão Corporal, no Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Iniciamos o segundo semestre letivo de 2016 com paralisações em protesto à emenda constitucional que estabeleceu o teto dos gastos públicos no Brasil. Dado a esse contexto de quebra dos parâmetros democráticos no país, a partir do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, decidi inserir no conteúdo curricular de Expressão Corporal reflexões sobre o papel do conhecimento do corpo para a ressignificação da práxis democrática, com o intuito de formar professores de Teatro que possam provocar seus alunos a posicionamentos e atitudes expressivas do corpo harmoniosas com seus desejos de potência (criativos) e, quiçá, fomentar a constituição de coletivos e movimentos sociais de produção de espaços políticos e artísticos identitários, a partir da escuta e do compromisso com a mutação constante de si.

## A CRÍTICA A PARTIR DA PSICOLOGIA E DA FILOSOFIA

Partimos de uma crítica ao modo operante nos atuais sistemas democráticos. Segundo Suely Rolnik (1992, p. 1),<sup>1</sup>

a democracia se define exatamente como um regime no qual a soberania pertence ao conjunto dos cidadãos – que, em princípio, são todos os membros de uma sociedade: todos considerados indivíduos, iguais em seus direitos perante a lei, independentemente de classe, cor, sexo ou religião.

Mas, segundo a autora, considerando as experiências positivas e as não tão positivas dos países ditos democráticos, esses sistemas políticos não conseguiram assegurar uma qualidade de vida individual e coletiva satisfatória, dados, por exemplo, os problemas de preservação de várias vidas, apontados por movimentos ecológicos. Portanto, problematizando a democracia e a noção de “outro” a partir do âmbito da ecologia da subjetividade, Rolnik (1992, p. 1) aponta:

Os impasses em que atualmente se encontra o planeta nos forçam a repensar o que quer dizer melhorar a qualidade da existência individual e coletiva. Se estar interessado por esse tipo de coisa é um tipo de atitude que se costuma chamar de ‘progressista’, o que precisamos repensar é o sentido dessa palavra na atualidade, para além do politicamente correto. Isso nos leva forçosamente a nos interrogarmos sobre a própria ideia de ‘democracia’, na intenção de problematizá-la, enriquecê-la ou, quem sabe, reinventá-la.

O filósofo Jacques Rancière também questiona o nome “democracia” dado ao modelo democrático representativo, haja vista que o conceito de participação de todos, oriundo do termo “democracia” da Idade Antiga, não condiz com a participação de base parlamentar-constitucional de privilegiados que inventaram como o sistema representativo para governar em nome do povo, mas sem a participação direta deste.

**1** Suely Rolnik é professora titular da PUC-SP e docente convidada do Programa de Estudos Independentes do Museu de Arte Contemporâneo de Barcelona. É psicanalista, crítica de arte e cultura e curadora. Sua investigação enfoca as políticas de subjetivação em diferentes contextos, abordadas de um ponto de vista teórico transdisciplinar e indissociável de uma pragmática clínico-política. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4727858Y4>.

Rancière (2014) defende a democracia não como Estado de direito oligárquico, mas como reconhecimento mínimo da soberania popular e das liberdades individuais. O comentarista de Rancière, Ernesto Laclau (2013, p. 351), escreve:

Para Marx, uma homogeneidade social crescente era a precondição de uma vitória proletária, enquanto para Rancière uma heterogeneidade irreduzível é a própria condição das lutas populares. Que conclusões podemos tirar dessas reflexões? Simplesmente que é necessário ir além da noção de ‘lutas de classes’ e de sua eclética combinação de lógica política e descrição sociológica.

Enfim, os autores acima enfatizam a importância de aceitarmos a diferença, a alteridade, para ressignificarmos a democracia. No entanto, essa alteridade, como afirma Rolnik (1992, p. 3), é em fluxo:

Numa primeira aproximação, mais óbvia, o outro é tudo aquilo (humano ou não, unitário ou múltiplo) exterior a um eu. Isso é o que se apreende no plano do visível, captável pela percepção: há nesse plano uma relação entre um eu e um ou vários outros (não só humanos, repito), unidades separáveis e independentes. No entanto, a realidade não se restringe ao visível e a subjetividade não se restringe ao eu: à sombra disso tudo, no invisível, o que há é uma textura ontológica que vai se fazendo de fluxos e partículas que constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos e partículas com os quais estão coexistindo, somando-se e esboçando outras composições.

Somos em processo, e qualquer acordo coletivo resultante de projetos entre diferentes também é processual. Assim, segundo a autora, ressignificar as relações coletivas exigem coragem de suportarmos o caos – próprio da alteridade em fluxo – e de operarmos a produção de nossa existência como obra de arte,<sup>2</sup> separando o que favorece do que não favorece a vida, tendo como critério a afirmação de nossa potência criadora.

**2** Embora Suely Rolnik não a mencione, esta provocação de transformar a vida em obra de arte parece ter partido inicialmente de Foucault em suas últimas produções em busca de uma Estética da Existência: “O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida; que a arte seja algo especializado ou feito por especialistas que são artistas. Entretanto, não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte? Por que deveria uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte, e não a nossa vida?” (FOUCAULT, 1995 apud NASCIMENTO, [2003] p. 3).

Em outras palavras, é uma abertura que depende de suportarmos o caos, próprio da dimensão invisível da alteridade; de suportarmos a violência das diferenças que aí se engendram, sem associá-la ao perigo de desintegração, de modo que o caos deixe de ser tão aterrador. (ROLNIK, 1992, p. 5)

Sendo assim, o corpo, este campo de mudança constante de contornos em que nos reconhecemos; é, portanto, invariavelmente transição, instável e mutante.

Nesse sentido, Jussara Miller (2012, p. 73) conceitua o corpo como “corpo lábil”, em constante transformação, e diz que a consciência deste estado corpóreo sempre em mutação – “corpo sentido na experiência do movimento” – desperta um estado exploratório e perceptivo próprio do processo criativo.

Essa concepção de “corpo lábil” tem ressonâncias com o pensamento de Henri Bergson que diz que a atenção ao presente do nosso corpo em ação é a condição para entrarmos em estado de percepção da duração de nosso ser no presente – um misto de percepção do passado imediato e uma determinação do futuro imediato.

Bergson é um pensador do final do século XIX e início do século XX. Para ele, o corpo vivo, é uma atualização do espírito na matéria; portanto, este corpo não é separado do espírito. O espírito só se atualiza na matéria e a matéria – ou os corpos, vivos ou não – só pertence ao atual. A matéria sem vida é o movimento do espírito sem resistência, assim a diferença entre a matéria sem vida e o virtual é apenas uma questão de atualização. Já o corpo vivo apresenta uma força de resistência que lhe dá memória; essa força é a consciência. Então, para Bergson o espírito nada mais é do que uma força ou o movimento de diferenciação no atual, e a consciência é uma força de constituição da vida, uma força de resistência ao fluxo de movimento. A consciência é um jogo com a virtualidade, noção fundamental para a compreensão da filosofia da diferença de Bergson.

Essa consciência vinda da atenção aos fluxos da memória e do corpo é passível de conexão com todos os fluxos da duração do presente, propiciando viver a vida como obra de arte, pois, atentos à duração, a qual é a diferenciação, temos a liberdade de determinar ações genuinamente novas.

O novo não é evidentemente o presente puro: este, tanto quanto a lembrança particular, tende para o estado da matéria, não em virtude do seu desdobramento, mas de sua instantaneidade. Mas, quando o particular desce no universal ou a lembrança no movimento, o ato automático dá lugar à ação voluntária e livre. A novidade é o próprio de um ser que, ao mesmo tempo, vai e vem do universal ao particular, opõe um ao outro e coloca este naquele. Um tal ser pensa, quer e lembra-se ao mesmo tempo. (DELEUZE, 1999, p. 120)

A noção de consciência para Bergson é fundamental para o seu “método da intuição”, ou seja, a intuição – pensamento criador próprio da arte, “o gozo da diferença” (DELEUZE, 1999, p. 96), “[...] a atenção que o espírito presta a si mesmo, por acréscimo, enquanto se fixa na matéria, seu objeto” – pode ser metodicamente cultivada e desenvolvida (BERGSON, 2005b, p. 214) quando educamos a consciência para dar-lhe brechas. E, nos flashes de intuição, temos a percepção do uno e múltiplo fluxo da duração, ou seja, a conexão do particular com o universal a partir da memória – o mesmo que espírito, para Bergson. (BALTAZAR, 2014)

Mas o que é a consciência para este filósofo? Para Bergson, nos seres vivos, a consciência existe mesmo numa ação automática. Mesmo no hábito automático, a consciência é uma força de resistência que existe, mas que não se “vê”, e está anulada pela ação – por isso, está inconsciente, está na virtualidade. O inconsciente, para Bergson, não designa uma realidade psicológica fora da consciência, mas uma realidade não psicológica, não atual, e sim ontológica e virtual. (DELEUZE, 1999, p. 42-43) Por outro lado, e mais importante, a consciência é coexistente à ação. Ela é atualização e por isso pode iluminar toda virtualidade que cerca toda ação de um ser vivo, possibilitando “escolhas” e criação. A consciência, para Bergson, é sinônima de invenção e liberdade.<sup>3</sup> (DELEUZE, 1999; BERGSON, 2005a)

O corpo – inclusive o cérebro, que é corpo também) é um órgão (e uma imagem – de pantomima: apenas executa ações. Mas, as ações são atualizações na matéria de toda a virtualidade do espírito. Sem o corpo, a virtualidade não se atualiza. Para as imagens atualizarem-se, elas precisavam sim do sistema corporal sensório-motor como um todo – inclusive e principalmente o cérebro – e, sobretudo, de um esforço

**3** “Aprofundando esse ponto, descobriríamos que a consciência é a luz imanente à zona de ações possíveis ou de atividade virtual que cerca a ação efetivamente realizada pelo ser vivo. Significa hesitação ou escolha. Ali onde muitas ações igualmente possíveis se desenham sem nenhuma ação real (como em uma deliberação que não chega a seu termo), a consciência é intensa. Ali onde a ação real é a única ação possível (como na atividade do tipo sonambúlica ou mais geralmente automática), a consciência torna-se nula. [...] Desse ponto de vista, a consciência do ser vivo seria definida como uma diferença aritmética entre a atividade virtual e a atividade real. Ela mede o afastamento entre a representação e a ação”. (BERGSON, 2005a, p. 157, grifo do autor)

de atenção ou de consciência, o qual é função do espírito. Quando o pensamento – ou a consciência psicológica – deixa-se contaminar pelo virtual; ou em outros termos, quando a atenção se volta para a duração da vida (força) interior<sup>4</sup>/exterior do corpo, pode surgir a intuição e com ela as grandes invenções e a arte.

Num ser que executa funções corporais, a consciência ilumina a escolha imediata, ou seja, preside a ação. Toda ação é uma escolha numa indeterminação. Portanto, toda ação, sendo uma atualização, é consciente e impregnada de inconsciente, é uma passagem da virtualidade à atualidade. O grau de liberdade, ou criação, de cada ação vai depender do grau de consciência empregada em cada ato. Para Bergson, a arte só surge com a consciência intuitiva.

A matéria é efeito de uma força de conservação do espírito. (BERGSON, 1990) O espírito é de natureza movente. No limite, tudo e o todo é movente. (ROSSETTI, 2004) O corpo no limite é uma imagem, uma condensação de forças em movimento. O corpo dura, conserva em si o passado numa constante atualização imanente de si. A sua duração, por um lado, é efeito de nossa consciência psicológica que liga o passado ao nosso presente.

Não há separação entre corpo e mente no plano da matéria. Mas há uma diferença. A noção de virtualidade transforma a superfície do corpo – o seu limite de atualização – no canal do encontro das singularidades, não com profundidades psicanalíticas – ou inconscientes psicanalíticos –, mas com profundidades – ou inconscientes – virtuais.<sup>5</sup> (DELEUZE, 1999)

**4** O interior do corpo aqui não são os órgãos, as vísceras, o sangue, etc., mas a virtualidade não expressa na exterioridade/expressão do corpo.

**5** Ao contrário do que parece fazer a neurociência atual; sobre o real, Bergson mostrou uma transfiguração material da natureza espiritual.

**6** Segundo o Código Deontológico, de 1995, do Reagrupamento pela Educação Somática, “a Educação Somática é um jovem campo disciplinar que se interessa pela aprendizagem e pela consciência do corpo em movimento no interior de seu meio. Tal campo propõe uma descoberta pessoal de seus próprios movimentos, de suas próprias sensações. Esse processo educativo é oferecido em cursos ou lições em que o orientador propõe pela palavra, ou ainda pelo gesto ou o tocar, atividades pedagógicas de movimento e de percepção do corpo”. (VIEIRA, 2015, p. 129)



## EDUCAÇÃO SOMÁTICA E POLÍTICA: RELAÇÕES EM SALA DE AULA

Na prática, atualmente, percebo a divulgação de métodos de Educação Somática<sup>6</sup> que cumprem exatamente a função de educar a consciência para o movimento de duração da vida interior e exterior do corpo. É própria da

Educação Somática a exploração do movimento do corpo de forma consciente e por meio da estimulação sensória. “Ser capaz de sentir para agir, tal é um *leitmotiv* da educação somática. Agir no intuito de aumentar as possibilidades de escolha, logo, aumentar sua liberdade”. (FORTIN, 1999, p. 44)

A Técnica Klauss Vianna (TKV) é considerada uma prática de Educação Somática e é uma técnica de estudo de consciência corporal para a arte do corpo desenvolvida inicialmente por Klauss Vianna e Angel Vianna e, atualmente, por diversos artistas pesquisadores de várias vertentes. A metodologia dos Vianna é também um método para a criação em dança. Quando dançamos juntos há um acordo de subjetividades mutantes para dançar em conjunto e, em acordo implícito, a constantemente buscar o novo. Trata-se de um acordo coletivo para se fazer e fruir o movimento que é propulsor de novos encontros. Nesses encontros de experimentação do novo/da arte lidamos com o campo da afetividade e da ética, ou seja, o fazer por desejo de aumento de potência de expressão do ser.

A técnica<sup>7</sup> e o método dos Vianna (MILLER, 2012; RAMOS, 2007; SALDANHA, 2009) nos conecta ao mundo, à matéria, ao corpo. Percebemos que somos sujeitos em risco e mutantes o tempo todo ao experienciar o nosso peso em relação à gravidade, a nossa sustentação e os nossos movimentos. A partir de nossa percepção, estabelecemos olhares e relações com o mundo. Isso desenvolve uma autonomia de criação, uma potência de existir, ou uma produção de nossa existência como obra de arte que é, ao mesmo tempo, pedagógica e política e produz uma mudança cultural em relação à expressão do corpo e de nossa identidade.

Pedagógica porque provoca uma construção de conhecimento e trata-se de uma pedagogia essencialmente não autoritária e não mecanicista, pois necessariamente, quando trabalhamos com técnicas somáticas, lidamos com a escuta: nossa e do outro. (FORTIN, 1999) Política, porque a partir do meu olhar sobre meus movimentos mentais e corporais desenvolvo também uma capacidade de olhar para o mundo e propor novos possíveis. (RANCIÈRE, 2005) Esses aspectos provocam mudanças culturais sobre como enxergamos o corpo, ou seja, como lidamos com sua imagem, como poderemos observar nos relatos dos alunos que vivenciaram o processo de ensino-aprendizagem da Técnica e do Método dos Vianna em minhas aulas de Expressão Corporal.

7 Há uma discussão acadêmica sobre a operaciodadade do termo “técnica” para a nomenclatura das práticas educacionais de Klauss e Angel Vianna. A partir dos livros de Suzana Saldanha (2009), Jussara Miller (2005, 2012) e Enamar Ramos (2007), concluímos que os termos dizem respeito a processos de educação em dança semelhantes entre Klauss e Angel Vianna, com a diferença de que a Técnica Klauss Vianna foi sistematizada (inicialmente por Rainer Vianna e Neide Neves) como processo, ou seja, foi se estruturando em temas/tópicos que incentivam a processualidade da escuta do corpo para a dança.

Nessas aulas, investigamos, sobretudo, o Processo Lúdico da Técnica Klauss Vianna, como organizado por Jussara Miller (2007), ou seja, voltamos nossa atenção para o estudo da expressão corporal focando na presença, como atenção, no movimento das articulações, na percepção e entrega do peso e do apoio ativo, na provocação de resistência (tônus) e oposições ósseas para o desenvolvimento da percepção tridimensional do movimento e no estudo do equilíbrio do eixo global do corpo em diferentes situações.

Abaixo transcrevo textos escritos por alunos ao final do conteúdo curricular, os quais foram instigados a relacionarem o artigo de Suely Rolnik (1992), sobre a necessidade de ressignificação do conceito de democracia, com o estudo prático e teórico da técnica e da metodologia dos Vianna.<sup>8</sup>

Primeiramente, um texto de Tiago de Almeida Alves sobre a consciência corporal despertada pela prática:

como é novo e prazeroso ter o conhecimento do corpo que achávamos que conhecíamos. Mas, não conhecíamos mesmo! Foi através do livro A Dança de Klauss Vianna, que nos jogamos literalmente em um tatame, [...] desenvolvendo nosso conhecimento sensível, tendo uma ideia que o trabalho de expressão corporal é, por isso, uma técnica que visa 'reeducar' esse corpo distanciado, fazendo-o consciente de suas potencialidades, de sua sensorialidade de maneira abrangente e de sua expressividade. Por isso talvez, Klauss desenvolve um pensamento sobre o corpo que está ligado ao desenvolvimento dos sentidos físicos e da comunicação não verbal. O estudo do corpo proposto por Klauss está diretamente vinculado com a relação física, artística e criativa do corpo, como expressão do homem. Em sala de aula temos a preparação corporal onde tentamos dar o máximo de nós com exercícios longos, repetitivos, cansativos e relaxantes. Sentimos membros do nosso corpo que nunca foram tocados, a importância de começarmos a aula massageando os dedos, conhecendo o nosso corpo, os ossos dos pés, metatarsos, falanges e outros ossos do corpo, daí iniciamos todo o processo corporal

**8** A reprodução destes textos de alunas e alunos publicados aqui foi por elas e eles autorizada.

e mental. É uma verdadeira terapia onde trabalhamos com partes do corpo que nem sonhamos um dia em exercitá-las, damos importância a todas as nossas articulações, ouvimos cada batida do nosso coração, as pisadas no tatame, o corpo pesado e leve ao mesmo tempo, sentimos todas as expressões, ao fecharmos nossos olhos nem nos damos conta que estamos na aquela sala de aula com pessoas ao nosso redor, temos a consciência que a arte está ligada em nosso corpo e que os movimentos acionam e são acionados pelos sentidos.

### Sobre a consciência do corpo e do espaço, no texto de Michel Fontes Santos:

Klauss Vianna fala que, a configuração do espaço gerado por um movimento é mais importante do que o movimento em si [...].

Ter um corpo consciente, consiste em saber lidar com várias dificuldades que venham a surgir na vida, saber os pontos de tensão, onde pesa mais, qual parte do corpo está propícia a ter mais pressão. Esse conhecimento nos permite, uma melhor interação com o outro. Todo processo corporal é individual, mas suas ações e seus resultados interferem no âmbito social. Devemos ter noção do que fazemos, que movimento utilizaremos, até à forma de sentar, andar, gesticular, acabam influenciando no convívio com outras pessoas. O corpo humano permite uma variedade infinita de movimentos, criando impulsos, interiores, exteriores, compondo uma relação íntima com o ritmo, o espaço dos sentimentos, das emoções e das intenções.

[...]

Quando o homem passa a ter consciência do corpo, ele passa a ter uma consciência dele também no espaço, a partir disso modifica o espaço onde ele está inserido, quebrando o paradigma da rotina. O homem está inserido no meio social e cultural, podendo assim,

modificar o ambiente em que se encontra. Por isso, se faz necessária uma consciência sobre seu corpo, sobre o meio e espaço.

Igor Ferreira de Carvalho Galvão, fazendo uma relação positiva com o caos da alteridade e a diferenciação:

Partindo do ponto onde se há um corpo lábil, criativo e explorador, seria possível associá-lo a uma mente mais aberta e curiosa ao aprendizado e assimilação de seu universo? Quando se trabalha a alteridade é preciso colocar-se em atenção e se faz necessário entender algo exterior a si e adaptar-se ao diferente para compreendê-lo ou estabelecer algum contato.

E enxergando caminhos para uma transformação social a partir da consciência corporal, primeiro, no texto de Lara Ramos Macário de Araújo:

técnicas como as dos Vianna pretendem abandonar as vivências de um corpo totalmente mecânico onde as habilidades são acumuladas com movimentos que não são sentidos ou entendidos, mas repetidos desde que nascemos. Em paralelo a isso, essa reprodução de movimentos reflete também na repetição de costumes e ações caracterizados pelo “homem da moral” (ROLNIK, 1992) [...], tais escolhas tornam-se coletivas, logo são repetidas assim como no movimento mecânico, impedindo qualquer possibilidade de mudança ou transformação.

Nesse contexto, percebe-se que a consciência e o corpo estão completamente associados, por exemplo, quando o indivíduo começa a compreender, perceber as necessidades do corpo e o que os músculos ou cada movimento expressa. O mesmo realiza também o despertar da mente passando a ver o mundo com olhar apurado tendo mais consciência de si próprio nele, levantando questionamentos a cerca das diversas vias do conhecimento e possibilitando o despertar do “homem ética” (ROLNIK, 1992). O homem da ética por sua vez, é essencial para incentivar novas

escolhas, selecionar o que favorece ou não a vida e impulsionar a potência criadora. Tal potência é um ponto chave da mudança individual e social, já que ela altera uma ordem dominadora estabelecida e imposta socialmente visando transformações sejam elas de conjunturas políticas, sociais, educacionais, culturais, individuais, ou seja, é onde está a potência revolucionária. [...]

É como aborda o ator Otávio Muller acerca do trabalho de Angel Vianna “Um corpo tenso não escuta, não olha”, logo estagnar o corpo é também estagnar a percepção diante do mundo e qualquer possibilidade de mudança do homem em relação a sua história.

#### E no texto de Maria Tereza Xavier Ferreira:

Estamos habituados a não nos olhar, a sobreviver ao invés de vivenciar. Tem todo um sistema econômico que nos induz a isso. Estar presente, consciente e ativando o inconsciente (utilizando a subjetividade), se faz um ato revolucionário. A consciência corporal surge de um processo conflituoso. O conflito gera o movimento e é através dele, assim como na vida, que há uma transformação, crescimento, amadurecimento e vivência na concepção desse corpo. O movimento gera mudança, pois, o corpo que iniciou um determinado movimento, já não está mais no estado que estava antes de iniciá-lo, ele já está em processo de conhecimento e exploração. O espaço existente entre as oposições gera conflitos, como o contato do pé contra o chão, notando-se aí a importância do espaço intermediário. No espaço intermediário se encontra as emoções e projeções, a subjetividade. Quando essas emoções são forçadas, o movimento se torna mecânico e sem vida. [...]

Portanto, é a partir do caos, do conflito que nosso corpo age de uma forma mais justa, mais sincera, acessando sensações, afetos, enfrentando e buscando a solução para o problema. O indivíduo deve buscar se incomodar e modificar sua vida e, então, fazer o mesmo no meio social. O autoconhecimento é de suma

importância nesse processo, lembrando que o ser humano é um ser em constante ebulição, por isso é necessário enfrentar esse caos que gera a transformação.



## CONCLUSÃO

Nessa relação com o sistema econômico capitalista, não somos ingênuos a ponto de achar que a mudança na subjetividade a partir da consciência corporal será capaz por si só de realizar a almejada revolução social, mas, juntos com alguns teóricos, acreditamos que a consciência corpórea é uma potente arma para transformações políticas, sociais e culturais.

Segundo Rolnik (1992, p. 11),

Suportar esse desassossego traz uma espécie de suavidade: a suavidade de poder depor as armas, relaxar o plantão. Mais fundamentalmente, essa suavidade é o tom da voz da subjetividade nos momentos privilegiados em que consegue afirmar-se sua potência de transmutação.

Como professora de Expressão Corporal na UFS e experienciando junto com alunas e alunos a Técnica Klauss Vianna, percebo que esta nos possibilita uma tranquilidade de expressão autêntica de si. A meu ver, a TKV provoca as condições para a práxis da consciência intuitiva de Bergson, propiciando olhar a vida em construção como obra de arte.

Isso pode ser uma forma de atitude política para o reinício de um pacto coletivo para a mutante democracia e rumo à utopia corajosa de nos jogarmos em projetos coletivos entre sujeitos conscientes e em risco constante e, mesmo assim, desejosos de vida em comum.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Tiago de Almeida. *Expressão corporal*. Aracaju, 2017. Trabalho final da disciplina Expressão Corporal do Curso de Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe. Mimeo.
- ARAÚJO, Lara Ramos Macário de. *As potencialidades da consciência corporal para transformação individual e social*. Aracaju, 2017. Trabalho final da disciplina Expressão Corporal do Curso de Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe. Mimeo.
- BALTAZAR, Márcia C. Relações entre o agir, o sentir e o pensar no ato criativo: uma análise bergsoniana. *Revista Sala Preta*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 95-107, dez., 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/84481>. Acesso em: 13 abr. 2019.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. Tradução Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.
- BERGSON, Henri. *Bergson: cartas, conferências e outros escritos*. Tradução Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Nova Cultural, 2005b. (Coleção Os Pensadores).
- DELEUZE. *Bergsonismo*. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999. (Coleção TRANS).
- FERREIRA, Maria Tereza Xavier. *As potencialidades da consciência corporal para transformação individual e social*. Aracaju, 2017. Trabalho final da disciplina Expressão Corporal do Curso de Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe. Mimeo.
- FORTIN, Sylvie. Educação somática: novo ingrediente da formação prática em dança. *Cadernos do Gipe-CIT*, Salvador, n. 2, p. 40-53, fev. 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética. Uma revisão do trabalho. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Humbert. *Michel Foucault. uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- GALVÃO, Igor Ferreira de Carvalho. *As potencialidades da consciência corporal para transformação individual e social*. Aracaju, 2017. Trabalho final da disciplina Expressão Corporal do Curso de Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe. Mimeo.
- GAVIÃO, Leandro. Resenha da obra "O ódio à democracia". *Revista de História*, São Paulo, n. 173, p. 497-503, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/173/FichaTecnica173.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2019.
- LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- MILLER, Jussara. *A escuta do corpo: sistematização da Técnica Klauss Vianna*. São Paulo: Summus, 2007.
- MILLER, Jussara. *Qual é o corpo que dança? Dança e Educação somática para adultos e crianças*. São Paulo: Summus, 2012.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Nos rastros de Foucault: ética e subjetivação. *Espaço Michel Foucault*. [2003]. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/olhares.html>. Acesso em: 30 jul. 2018.

RAMOS, Enamar. *Angel Vianna: a pedagoga do corpo*. São Paulo: Summus, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. Tradução Mônica Costa Netto. Lisboa: Editora 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. *O ódio à democracia*. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

ROLNIK, Suely. *À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia*. 1992. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/homemetica.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2017.

ROSSETTI, Regina. *Movimento e totalidade em Bergson: a essência imanente da realidade movente*. São Paulo: EdUSP, 2004. (Ensaio de Cultura; n. 25).

SALDANHA, Suzana. *Angel Viana: sistema, método ou técnica?* Brasília: Funarte, 2009.

SANTOS, Michel Fontes. *As potencialidades da consciência corporal para transformação individual e social*. Aracaju, 2017. Trabalho final da disciplina Expressão Corporal do Curso de Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe. Mimeo.

VIEIRA, Marcilio Souza. Abordagens somáticas do corpo na dança. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 127-147, jan./abr. 2015.

**MÁRCIA BALTAZAR:** é professora adjunta do Departamento de Teatro da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atriz e doutora em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Coursou aulas de Técnica Klauss Vianna com Jussara Miller entre 2011 e 2014: a escuta do corpo, processo criativo e processo didático. Atua principalmente com os seguintes temas: teatro educação, ação cultural, técnica Klauss Vianna, voz e corpo, máscaras, teatro e filosofia, intervenção urbana e dramaturgia do ator-dançarino. Organizadora do livro *Teatro na Margem* da Coleção Pedagogia do Teatro (2015, Hucitec).